

EDITORIAL

Ninguém ignora a grave crise pela qual está passando o sacerdócio ministerial. Muitos julgam que o sacerdócio, assim como é atualmente exercido na Igreja Católica, seria pura e simplesmente um retôrno ao sacerdócio pagão e judaico. A verdade revelada de que Cristo é o único sacerdote da Nova Aliança, de que Ele terminou com o culto sacerdotal do Antigo Testamento, de que o povo de Deus é um povo sacerdotal, poderia levar a crer que depois de Cristo não há mais lugar para o sacerdote ministerial. A mentalidade de uma época tecnológica, científica, desmitizada, secularizada, a-religiosa, a-teísta, de uma época na qual não há ou há pouca vivência (e então ainda muitas vèzes mal compreendida e vivida) de um relacionamento explícito a Deus, esta mentalidade dificilmente compreenderá os têrmos: sacerdote, culto, sacrifício, forjados em épocas de mentalidade bem diversa. Mais: esta mentalidade, formada nos dias de hoje, talvez compreenderá com dificuldade a realidade expressa por aquêles têrmos.

Se êstes têrmos, por diversas razões, já não são mais compreendidos hoje, ou se são mal compreendidos, isto não quer dizer que a realidade profunda por êles expressa, enquanto ela estiver de acôrdo com a revelação e seu legítimo desenvolvimento através da tradição da Igreja, não continue e não continuará a existir enquanto o Cristianismo fôr o Cristianismo de Cristo. Sempre haverá ministros instituídos por Cristo que, possuindo o poder sagrado da ordem, na comunidade dos fiéis, exercerão públicamente o ofício sacerdotal em favor dos homens e em nome de Cristo. Configurados

de modo especial a Cristo Sacerdote, êstes ministros agirão na pessoa, em nome de Cristo Cabeça (cf Vaticano II, *Presbyterorum Ordinis*, n.º 2). Cristo enviou seus apóstolos: "fazei discípulos meus todos os povos... ensinando-os a observar tudo o que eu vos tenho mandado" (Mt 28, 19s). Sempre haverá "os pregoeiros da fé, que levam novos discípulos a Cristo..., mestres autênticos dotados da autoridade de Cristo, que pregam ao povo a êles confiado a fé que deve ser crida e praticada" (Vaticano II, *Lumen Gentium*, n.º 25). As circunstâncias concretas dos tempos e lugares indicarão a êstes ministros como deverão anunciar a boa nova de Cristo. Cristo mandou aos seus apóstolos de, em sua memória, fazer o que acabara de fazer na última ceia: "Tomai e comei; isto é o meu corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim". "Êste cálice é a nova aliança em meu sangue, fazei isto em memória de mim tôdas as vêzes que o beberdes. Porque tôdas as vêzes que comerdes êste pão e beberdes o cálice anunciareis a morte do Senhor até que êle venha" (1 Cor 11, 24-26). Em outras palavras: Cristo mandou que seus apóstolos tornassem presentes, perpetuassem em tôdas as épocas a Sua vida, paixão, morte e ressurreição. Estas foram doação total a Deus Pai em favor dos homens, para que êstes pudessem receber o perdão dos pecados, a vida de união com Deus Trino, a possibilidade de viver em união entre si, para que pudessem reconhecer o que êles são e vivem: criaturas e filhos de Deus. A vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo são uma contínua doação aos homens, não só porque Cristo mediante elas vive para os homens, a êles se dedica e por êles se oferece, mas também porque Êle mesmo, e com Êle o Pai e o Espírito Santo se dão, se entregam, se comunicam aos homens, para com êles viverem e para lhes serem a plenitude da vida. Sempre haverá quem em nome, com autoridade e poder de Cristo, e não por simples delegação do povo

de Deus, tornará presente esta realidade total de Cristo, esta doação total de Cristo ao Pai pelos homens, esta doação total de Cristo aos homens, para que êstes possam unir-se mais plenamente a Êle, e Nêle com o Pai e com todos os homens. Além dêstes serviços prestados ao povo de Deus e aos homens, em nome de Cristo e em continuidade da missão confiada aos apóstolos, não só poderão mas deverão surgir outros serviços a partir das necessidades, das circunstâncias em que se encontrarem o povo de Deus e os homens, e a partir dos carismas, que Deus faz surgir entre o seu povo.

A Semana Teológica, promovida pela Faculdade de Teologia Cristo Rei, versou em 1969 sôbre o problema do sacerdócio. A Revista, como órgão da Faculdade, em continuação daquela Semana, e para informação de seus leitores, dedica êste número de um modo especial ao sacerdócio. Além da crônica sôbre a Semana Teológica, são apresentadas algumas reflexões que esperamos poderem contribuir para uma maior compreensão dêste tema importante.

Para a compreensão do sacerdócio do povo de Deus, como do sacerdócio ministerial é absolutamente necessário conhecer a Cristo. P. Carlos Oscar Mueller no artigo "A realidade Cristo" estuda a realidade de Cristo, sua relação com as categorias "sacerdote", "oração", "comunicação por palavra" e "sacrifício", para a seguir apontar algumas conseqüências e perspectivas a partir da compreensão desta realidade de Cristo.

P. Paulo Borges da Fonseca no artigo "Sacerdócio, Culto, Palavra, Serviço", com base na Escritura e à luz dos concílios de Trento e Vaticano II, procura pôr à claro a interrelação entre culto, anúncio da palavra e serviço, que pertencem inseparavelmente ao sacerdócio ministerial cristão.

No artigo "Os ministérios numa sociedade em via de urbanização" P. J. Comblin estuda os ministérios atuais e seu desenvolvimento para o futuro, à luz da sociologia, da teologia e da pastoral

dos ministérios. Tendo mostrado qual o papel da sociologia e da teologia em relação aos ministérios, mostra que não é a estas mas à pastoral ministerial, por estar voltada à ação, que compete orientar e concretizar a renovação dos ministérios. Função preponderante nesta renovação compete aos carismas.

Na comunicação: "O ministério da Reconciliação no Brasil", P. Eduardo Hoornaert, a partir da complexa realidade sócio-cultural-religiosa do Brasil e sob a luz da doutrina Paulina, procura indicar algumas pistas para um tipo de concretização dos ministérios sacerdotais no Brasil.

Completa a série de artigos dêste número o do P. Urbano Zilles: "Sentido e significação dos milagres de Jesus". Por um lado aumenta sempre mais, num mundo da técnica e da ciência, o descaso por milagres; por outro, paradoxalmente, parece crescer o número dos que são ávidos de espetáculos miraculosos. Que dizer, num tal clima, dos milagres de Jesus? Qual o seu significado para nós cristãos, homens do século vinte?